



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS**

ISABELLA DOS SANTOS CORRÊA

**SEXUALIDADE E GÊNERO: ATIVIDADES PEDAGÓGICO-CULTURAIS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

**ABAETETUBA-PA
2019**

ISABELLA DOS SANTOS CORRÊA

**SEXUALIDADE E GÊNERO: ATIVIDADES PEDAGÓGICO-CULTURAIS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do grau
de Licenciada Plena em Pedagogia, Faculdade
de Educação e Ciências Sociais, Universidade
Federal do Pará.

Orientadora: da Profa. Dra. Joyce Otânia
Seixas Ribeiro.

ISABELLA DOS SANTOS CORRÊA

**SEXUALIDADE E GÊNERO: ATIVIDADES PEDAGÓGICO-CULTURAIS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Joyce Otânia Seixas Ribeiro
Orientadora-UFPA

Profa. Dra. Vilma Nonato de Brício
Examinadora Interno-UFPA

Profa. Ma. Igora Irma Santos Dácio
Examinadora externa a UFPA

Aos meus pais, irmãos, esposo e amigos por todo o carinho e apoio que dedicaram para que este momento se tornasse real.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por pelo auxílio e sabedoria dada durante toda essa jornada.

Agradeço meus pais, Maria Izabel Ramos dos Santos e Paulo Miranda Corrêa, por todo amor e carinho, por batalharem e acreditarem em mim durante toda essa trajetória.

Agradeço ao meu esposo Raphael Marques por todo o amor, apoio e companheirismo.

Agradeço minha orientadora Profa. Dra. Joyce Otânia Seixas Ribeiro, pelo auxílio na elaboração deste trabalho e por toda sabedoria compartilhada e pelo carinho tido durante todo curso.

RESUMO

Questões de gênero e sexualidade são tratadas como um grande tabu na infância, pois muitos pensam na criança como um ser assexuado, que não possui sexualidade. Com isso, acaba-se reproduzindo padrões construídos culturalmente, deixando de lado a construção da subjetividade da criança, bem como reprimindo suas descobertas a respeito do próprio corpo. Visto isso, o presente trabalho pretende analisar como vêm sendo trabalhadas as questões de gênero e sexualidade na Educação Infantil, buscando identificar qual é o papel do professor na formação sexual da criança, bem como, sua qualificação para lidar com situações que envolvam o objeto de estudo. O referencial teórico conta como a contribuição teórica dos autores Louro (1997), Escolano (1998), Felipe (2012), Scott (1995), Xavier Filha (2012), entre outros. Para obtenção dos resultados será utilizada a abordagem qualitativa, em especial etnografia, tendo como ferramentas analíticas a observação, as conversações e a aplicação de questionários, os quais permitirão estudar o cotidiano das relações de gênero e sexualidade em uma escola de Educação Infantil. Os resultados indicam que a escola influencia na formação sexual da criança guiando seus comportamentos e educando de acordo com a norma do gênero, bem como, que os professores não estão totalmente preparados para encarar as manifestações de sexualidade na infância. Conclui-se que é necessário que a escola se aproprie das diversas possibilidades de se trabalhar gênero e sexualidade na Educação Infantil, com tranquilidade e sem preconceitos, tendo consciência que tais assuntos são necessários na formação da criança.

Palavras Chave: Gênero. Sexualidade. Infância. Educação Infantil.

ABSTRACT

Gender and sexuality issues are treated as a great taboo in childhood, for many think of the child as an asexual being who has no sexuality. By doing so, one ends up reproducing culturally constructed standards, leaving aside the construction of the subjectivity of the child, as well as repressing his discoveries about his own body. Given this, the present work intends to analyze how the issues of gender and sexuality in Child Education have been worked on, trying to identify the role of the teacher in the sexual formation of the child, as well as their qualification to deal with situations that involve the object of study. The theoretical reference counts as the theoretical contribution of the authors, Louro (1997), Escolano (1998), Felipe (2012), Scott (1995), Xavier Filha (2012), among others. To obtain the results will be used the qualitative approach, especially ethnography, having as analytical tools the observation, the conversations and the application of questionnaires, which will allow to study the quotidian of the relations of gender and sexuality in a kindergarten. The results indicate that the school influences the sexual formation of the child guiding their behaviors and educating according to the gender norm, as well as that teachers are not fully prepared to face the manifestations of sexuality in childhood. It is concluded that it is necessary for the school to appropriate the various possibilities of working gender and sexuality in children's education, with tranquility and without prejudice, being aware that such matters are necessary in the formation of the child.

Keywords: Gender. Sexuality. Childhood. Child education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O COTIDIANO DE UMA SALA DE AULA DE EDUCAÇÃO INFANTIL.....	13
2.1 A Escola de Educação Infantil Santa Helena e a Educação Infantil	13
2.2 A sala de aula: espaço e organização	16
2.3 A professora e a turma.....	20
3 DISCURSOS E PRÁTICAS MARCADAS POR GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	24
3.1 Atividades, Brinquedos e Brincadeiras: Constituindo Relações de Gênero	25
3.1 Momentos fora da sala de aula: espaços-tempos de aprendizagem de “papéis” de gênero.....	29
3.3 Discursos e práticas escolares sobre gênero e sexualidade	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar como a escola de educação infantil lida com questões de gênero e sexualidade, observando especificamente, qual a influência da escola na formação sexual da criança, bem como, investigar se os professores estão qualificados para lidar com situações que envolvam sexualidade na infância. Para isso, será utilizada a abordagem qualitativa, pois é o método que busca analisar o caráter subjetivo do objeto estudado, sendo, portanto, ideal para trabalhar temas em que se faz necessário analisar experiências individuais e particulares do objeto analisado. Usar-se-á, em particular, a etnografia, que trata de uma metodologia utilizada nas pesquisas na antropologia e em ciências sociais. Esta possui como papel principal o estudo da cultura e do comportamento de determinados grupos sociais, o que auxiliou a pesquisa, pois permitiu estudar com detalhe as relações de gênero e sexualidade nas escolas de Educação Infantil. A pesquisa foi realizada durante 30 dias, na E.M.E.I.E.F. Santa Helena¹ localizada em um bairro da periferia de Abaetetuba, os sujeitos da pesquisa são os alunos da turma de pré-I e a professora regente, Cláudia², os instrumentos de coleta de dados utilizados foram a observação e a aplicação de um questionário à professora da sala de aula escolhida para a pesquisa. A observação se deu através do contato direto com o objeto de estudo participando de atividades cotidianas da escola, e o questionário foi respondido pela professora fora do horário da pesquisa.

O presente trabalho contará com contribuições de alguns autores que se fizeram importantes para a reflexão sobre o tema em questão, como Áries (1981) que discute a descoberta da infância, Kramer, Nunes e Corsino (2011) que defendem a ideia de Educação Infantil se trata de uma construção social e histórica; Escolano (1998) afirma que a escola é uma mediadora de cultura, uma fonte de experiência e aprendizado; Louro (2000) que defini a sexualidade é construída no decorrer da vida, envolvendo suas relações afetivas, e a descoberta sobre o corpo; Scott (1995) que afirma que o conceito de gênero é usado para caracterizar relações sociais entre os sexos, desconsiderando explicações biológicas; Felipe (2012a) que discute manifestações da sexualidade na infância e como essas manifestações são vistas pelo corpo docente da Educação Infantil; entre outros.

¹ Por motivo de preservação de imagem, o nome da escola citada nesta pesquisa é fictício,

² Por motivo de preservação da identidade, o nome da professora de **Educação Infantil** citada nesta pesquisa é fictício.

A escola tem o papel de formar sujeitos e uma grande influência na construção de suas identidades, bem como na manutenção de determinados padrões sociais historicamente construídos, o que inclui visões a respeito de gênero e sexualidade. Portanto, é importante destacar o papel da mesma em relação a esse tema:

[...] se admitimos que a escola não apenas transmite conhecimento, nem mesmo apenas os produz, mas que ela também *fabrica* sujeitos produz identidades étnicas, de gênero, de classe; se reconhecemos que essas identidades estão sendo produzidas através de relações de desigualdade, se admitir que a escola esteja intrinsecamente comprometida, à manutenção de uma sociedade dividida e que faz isso cotidianamente, com nossa participação ou omissão; se acreditarmos que a prática escolar é historicamente contingente e que é uma prática política, isto é, que se transforma e pode ser subvertida; e, por fim, se não nos sentimos conformes com as divisões sociais, então, certamente, encontramos justificativas não apenas para observar, mas, especialmente, para tentar interferir na continuidade dessas desigualdades (LOURO, 1997, p. 85-86).

Trabalhar gênero e sexualidade possui grande relevância na Educação Infantil, haja vista que ambos fazem parte do indivíduo, não se tratando de algo que possa ser desligado dos corpos, mas que acompanha os sujeitos onde quer que vão. Assim, a escola tem o compromisso de instruir a respeito e levar o aluno a fazer uma reflexão sobre seu próprio corpo, sobre seu comportamento e seu modo de ser, auxiliando-o para que cresça sem traumas ou inquietações a respeito de si.

Contrariando o senso comum, que acredita que sexualidade refere-se somente a manias que devem ser contidas na infância, Freud (1996) afirma que, existe sexualidade nessa etapa da vida do ser humano. O autor coloca a sexualidade como algo que se distingue do instinto sexual, e que não está ligada somente ao órgão sexual, pois existem outras formas de se obter prazer na infância, uma vez que a criança só consegue tê-lo a partir do próprio corpo. Já Mangold et.al. (2008, apud MARTIN, 2009) mostra que a sexualidade auxilia no aprendizado da criança em relação ao conhecimento de seu corpo, e que a mesma faz parte da formação do indivíduo.

Em relação a infância, Freud (1996) aponta que em uma das fases do desenvolvimento psicosexual, no período pré-genital, mais precisamente na fase fálica, começa a surgir a curiosidade sexual, e com isso surgem as perguntas a respeito do corpo e das diferenças do corpo do outro; essa vontade de saber sobre si acaba assustando a família e até mesmo a escola. Tal fato não deveria não deveria acontecer, haja vista que essas inquietações fazem parte do desenvolvimento da criança. A maneira com que os educadores e a família lidam com essa curiosidade irá auxiliar a criança a viver sua sexualidade e passar por essa fase de maneira saudável.

A sexualidade na infância é um assunto que vem sendo tratado com indiferença nessa etapa da Educação Básica, muitas vezes pela visão errônea de algumas pessoas que acreditam que crianças não devem aprender a respeito do tema, e com isso, acabam privando os alunos de um conhecimento essencial para seu desenvolvimento social.

Silva (1994) afirma na perspectiva da teoria *queer* que embora a sexualidade esteja vigorosamente presente na escola, dificilmente podemos vê-la no currículo. Quando a sexualidade é incluída no currículo, acaba sendo tratada simplesmente como uma questão de informação sobre o certo ou errado, na maioria das vezes se limitando a aspectos biológicos e reprodutivos. Em relação a essa abordagem do currículo escolar, de acordo com a teoria feminista, a identidade do homem ou mulher não é somente determinada pelas características biológicas, necessitando que seja levada em consideração a importante dimensão sócio cultural.

É possível perceber que esse descaso com a educação sexual é comum na Educação Infantil, e uma das razões para que isso aconteça é a crença de que a criança não possui sexualidade, e que esta se inicia somente no período da puberdade. Essa maneira de pensar acaba causando graves consequências para o desenvolvimento da criança. É de extrema relevância que se atente para sexualidade nesse momento da infância, e quem diz isso é Freud (1996), quando afirma que para a sociedade atual, as fases da sexualidade são vistas como manias, algo que deve ser extinta, pelo ao contrário, deve ser compreendida.

Não há motivos precisos para que não se trabalhe a questão da sexualidade na Educação Infantil, já que a curiosidade do ser humano sobre o próprio corpo é saudável, e começa desde cedo, não sendo vista com maus olhos pelas crianças e sim pelos adultos, que acabam não dando importância para os questionamentos e até mesmo empurrando as responsabilidades para a escola. Os educadores(as), na maioria por timidez e por falta de preparação, acabam não respondendo às dúvidas de forma adequada, sendo preciso que essa visão estereotipada e preconceituosa a respeito da sexualidade da criança seja repensada, já que não possui qualquer tipo de malícia, sendo uma coisa comum em sua vida, devendo ser estimulada e trabalhada tanto pelos educadores(as) quanto pela família.

Um dos motivos para que o currículo escolar aborde esse assunto é a influência das mídias (TV, filmes infantis, Gibis, propagandas, revistas especializadas) em torno do tema, uma vez que se vive em um momento no qual o assunto vem sendo discutido com frequência, não no ambiente escolar ou familiar, mas sim, nas mídias de massa; atualmente as crianças têm tido acesso a esse tipo de informação cada vez mais cedo, de maneira errônea,

estereotipada por meio a televisão, das músicas etc. que acabam incentivando o preconceito a respeito do assunto.

A sexualidade está presente em todo lugar no cotidiano da criança e acaba se tornando tolice pensar que a função de lidar com isso seja somente da família, pois a maioria dos pais e mães não sabem abordar esse assunto, já que, em sua maioria, não receberam orientações adequadas quando precisaram, ou por acharem que alguns questionamentos das crianças são atitudes mal educadas ou pervertidas; na verdade toda essa visão estereotipada a respeito da sexualidade é fruto da ausência de educação sexual que esclareça dúvidas e eduque para a vida. Em razão disso, torna-se extremamente necessário que a escola tome a responsabilidade para si em relação à educação sexual. Louro (1997) afirma que alguns negam que a educação sexual seja compromisso da escola, com pretexto de que é dever exclusivamente da família repassar valores morais e religiosos. As questões relacionadas à sexualidade, querendo ou não, estão presentes na escola. Elas fazem parte das conversas informais entre alunos, estão nos grafites do banheiro e não se encontram somente ali, estão de fato na sala de aula, sendo elas percebidas ou não.

Acredita-se que trabalhar o assunto auxiliará os educadores(as) da Educação Infantil, já que casos que envolvem sexualidade e gênero se tornaram frequentes no cotidiano da escola, e a maioria dos professores(as) não sabem lidar com tais situações, pois raramente, essas discussões fazem parte do ambiente escolar, em especial na Educação Infantil. É preciso que os educadores(as) ampliem sua visão para além da ação mecânica de ensinar a ler e a escrever, e comecem a atentar para questões que também fazem parte do desenvolvimento do ser humano.

Esteves (2000, apud MARTIN, 2009) afirma que a escola, tem o dever de preparar os professores, em especial os de Educação Infantil, para que os mesmos consigam lidar com situações que envolvam sexualidade, e assim possam contribuir para que os alunos satisfaçam sua curiosidade sem incitar a erotização infantil.

No primeiro capítulo, estará descrita a estrutura e organização da escola observada, e como tais ferramentas atuam no disciplinamento dos corpos infantis desde a Educação Infantil, mostrará também como a professora observada entende algumas questões sobre gênero e sexualidade. No segundo capítulo serão analisadas algumas situações pedagógico-culturais observadas na pesquisa de campo que envolvem o tema deste trabalho, e como a professora lida com elas.

2 O COTIDIANO DE UMA SALA DE AULA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

A escola através de sua estrutura e organização educa corpos infantis para que se comportem de acordo com o que é estipulado socialmente. Sendo percebidas ou não, tais atitudes estão fortemente presentes no cotidiano da Educação Infantil; nos tópicos abaixo será apresentado a estrutura da escola observada, sua organização, bem como a rotina das crianças observadas.

2.1 A Escola de Educação Infantil Santa Helena e a Educação Infantil

A infância é o período da vida que começa desde o nascimento até a adolescência. Durante muitos séculos este período era tido como inexistente na vida do ser humano. De acordo com Áries (1981), para sociedade medieval o sentimento de infância não existia, tal sentimento que se difere da afeição pelas crianças, trata da consciência da peculiaridade infantil, essa peculiaridade que diferenciava a criança do adulto, tal consciência não existia. Hoje em dia devido às necessidades sociais e econômicas, a criança é considerada com todas as suas particularidades sociais e históricas, sendo vista como um investimento futuro, capaz de contribuir positivamente para a organização social, passando, por essa razão a ser valorizada. Diante disso e, dada a importância da educação na infância, surge a Educação Infantil, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – LDB 9394/96, essa fase trata da primeira etapa da Educação Básica, e tem seus fins definidos:

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL,1996).

Atualmente a Educação Infantil é valorizada como uma etapa da Educação Básica crucial para o desenvolvimento da criança. Segundo Kramer, Nunes e Corsino (2011) a ideia de Educação Infantil é uma construção social e histórica, logo, se torna impossível conhecê-la apenas pelas leis que a cercam. Por um lado, afirma-se como uma etapa onde o indivíduo ingressa na educação, por outro, oculta contradições em suas condições de acesso.

A escola observada está localizada em um bairro periférico da cidade de Abaetetuba, no estado do Pará, atende turmas De Educação Infantil e Ensino Fundamental; este ano foram ofertadas vagas para apenas uma turma de Educação Infantil no matutino e duas no vespertino; sua estrutura conta com seis salas de aula, uma sala de informática, uma

secretaria, uma sala dos funcionários (é chamada assim, pois a diretora afirma que é injusto ter uma sala de descanso só para os professores, por isso, mudou o nome de “sala dos professores” para “sala dos funcionários” para que todos se sentissem a vontade para utilizar o espaço); possui também uma copa, um refeitório, dois banheiros, um pátio dentro do prédio; não tem parquinho e nem qualquer espaço onde a criança possa brincar ao ar livre, não possui sala de leitura e brinquedoteca. A gestão conta com uma diretora licenciada em Pedagogia e a coordenadora pedagógica licenciada em Pedagogia, corpo docente da Educação Infantil, conta com 3 professores dois formados pelo magistério e um licenciado em Pedagogia.

A escola e sua estrutura física dizem muito sobre a educação que está sendo construída nesse ambiente, bem como sua organização e manutenção. Através delas são transmitidos ensinamentos, discursos e padrões construídos socialmente que vão além da simples materialidade do lugar, “o espaço-escola é, além disso, um mediador cultural em relação a gênese e a formação dos primeiros esquemas cognitivos e motores, ou seja, um elemento significativo do currículo, uma fonte de experiência e aprendizado” (ESCOLANO, 1998, p. 26) Não é a toa que nas salas de Educação Infantil existam cartazes, que são pregados nas paredes que ensinam às crianças maneiras de como tratar o amigo, de brincar e se comunicar, como mostra a imagem a seguir:

Fotografia 1 – Combinado da turma de pré-I



Fonte: Corrêa, 2018.

A imagem acima mostra os métodos adotados pela maioria das escolas de Educação Infantil; trata-se de instruções sobre comportamentos que são considerados certos ou errados em sala de aula, colocados desde o início do ano letivo com o intuito de ensinar a criança modos para se ter uma boa convivência.

Nesse sentido, Escolano (1998, p. 26) afirma que:

A arquitetura escolar é também por si mesma um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordens, disciplina e vigilância, marcos para a aprendizagem sensorial e motora e toda uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e também ideológicos.

Quando se faz uma observação minuciosa a respeito dos espaços escolares, é perceptível que não se trata de ambientes “neutros”, mas sim de construções sociais que através das experiências auxiliam o indivíduo na formação de ideias, na sua visão de mundo e até mesmo a absorver padrões ideológicos e culturais ditados pela sociedade e que muitas vezes estão escondidos nas paredes das escolas.

Na escola as salas estão localizadas na lateral esquerda do prédio, começando com a sala de informática, em seguida a sala de Educação Infantil (pré I) e as salas De Ensino Fundamental, na lateral direita estão localizadas a secretaria, em seguida, a sala dos funcionários e posteriormente o refeitório, a copa e o pátio, como mostra a imagem a seguir:

Fotografia 2 – Interior da Escola de ed. Inf. Santa Helena



Fonte: Corrêa, 2018.

Esta organização permite que a visão da direção e do inspetor seja ampla a respeito do interior da escola, e com isso, se torna mais fácil o acompanhamento e a vigilância da rotina e espaços escolares. A “espacialização” é parte de um elemento da arquitetura escolar e pode ser observada tanto na separação das salas, como na organização das carteiras o que facilita no cotidiano das tarefas e a economia do tempo, além disso ESCOLANO (1998). afirma que a “espacialização” organiza detalhadamente os movimentos e gestos fazendo com que a escola seja um “continente de poder” (ESCOLANO, 1998). Através dessa arquitetura, a

diretora está sempre a par das situações que acontecem no interior da escola, bem como na vigilância dos alunos e professoras.

Na escola observada percebe-se que a Educação Infantil é tratada de maneira isolada, pois na hora do lanche as crianças menores se alimentam dentro da sala, saindo somente para ir ao banheiro e beber água, não brincam no pátio, e só saem da sala quando tem ensaio para alguma apresentação em eventos na escola. O que acaba fazendo com que as crianças percam um aspecto importante para sua educação, pois as mesmas precisam ter experiência em outros espaços, no momento do brincar e de interagir.

Nota-se que a escola se encontra bastante preocupada com a segurança dos alunos e o atendimento as suas necessidades básicas, limitando assim o objetivo da Educação Infantil, visto que, assim como a higiene, a alimentação e a segurança, as necessidades sociais e culturais também são essenciais nessa faixa etária, auxiliar a criança na construção da sua autonomia, de novos conhecimentos físicos e sociais. Tais aspectos são de extrema importância para o desenvolvimento infantil, e não podem ser esquecidos ou afastados da rotina escolar. É preciso que as escolas de Educação Infantil não busquem somente garantir o atendimento as necessidades básicas da criança, sendo que, o educador é capaz de proporcionar, ao mesmo tempo, momentos pedagógicos e de cuidados em sala de aula. Tudo resultará do planejamento e execução de suas ações, tendo sempre em mente que no momento em que se oferecem os cuidados básicos para criança, ele pode ensinar noções de autonomia, estimular novas habilidades bem como suas experiências físicas e sociais (BARBOSA; HORN, 2001).

Visto isso, o cuidado e a educação têm que andar de mãos dadas no que diz respeito ao ensino das crianças menores. Para isso, é importante que se atente para essas dimensões no momento da organização de tempo e do espaço escolar.

2.2 A sala de aula: espaço e organização

A sala de aula observada tem o tamanho de 3mx5m, é decorada com o tema “fundo do mar” nas cores azul e branco; suas paredes contam com estímulos pedagógicos colocados pela professora desde o início do ano letivo, como o cantinho da leitura que se encontrava danificado, além disso, não fora estabelecida uma rotina para a utilização desse espaço; as crianças pegam os livros em qualquer momento, não tendo cuidado e sem a observação da professora; contam também com o alfabeto em EVA colado na parede e em cores vivas; em um lado do alfabeto havia os o quadro dos numerais e suas quantidades representados por

estrelinhas com carinha felizes, e no outro lado havia a chamadinha que não era usada em sala de aula, havia também um combinado sobre os comportamentos que seriam certos ou errados em sala de aula, um espaço reservado para as noções do clima, para as vogais e para as palavrinhas mágicas, como mostram as imagens:

Fotografia 3 – Sala de aula da turma de pré I da Escola de ed. Inf. Santa Helena



Fonte: Correa 2018.

Fotografia 4 – Sala de aula da turma de pré I da Escola de ed. Inf. Santa Helena



Fonte: Corrêa, 2018.

A sala de aula é um local que merece atenção especial, pois todos os componentes que contribuem para objetivo da Educação Infantil devem ser levados em consideração. Entende-se que o “planejamento do ambiente e do espaço é parte constitutiva e irrenunciável de um novo modo de considerar a criança” (SACHELO, 1986, apud ESCOLANO, 1998, p. 48). As imagens mostram uma sala de aula carregada de estímulos que tem como objetivo auxiliar no momento de aprendizagem. Pensar de que forma será organizado o espaço, que tipo de cartazes serão colocados nas paredes e como os mesmos serão utilizados no dia a dia, traduz o tipo de formação que se pretende oferecer para os alunos; essa ‘pedagogia da paisagem’ (ESCOLANO, 1995) serve de ferramenta de educação cultural ou pedagógica que faz com que as crianças, através de suas experiências, aprendam e integrem em suas vidas normas dominantes que se encontram visíveis ou não no currículo. Nesse sentido a organização:

[...] pode ser instrumentada também no plano didático, toda vez que define o espaço em que se dá a educação formal e constitui um referente pragmático que é utilizado como realidade ou como símbolo em diversos aspectos do desenvolvimento curricular (ESCOLANO, 1998, p. 47).

Nota-se que na organização das cadeiras há uma clara divisão entre meninos e meninas; no ambiente estreito, a professora aproxima todas as mesas, uma ao lado da outra, formando apenas uma mesa cumprida; de um lado ficavam todas as meninas e do outro todos os meninos, quando não fazia a grande mesa, a professora dividia a turma em dois grupos, um grupo de meninas e um grupo de meninos, sempre separando as mesas por gênero, como mostram a imagem abaixo:

Fotografia 5 – Organização da sala



Fonte: Corrêa, 2018.

A organização feita pela professora tinha o intuito de fazer com que as crianças ficassem mais concentradas para que ela pudesse realizar suas atividades sem muitas interrupções; as meninas ficavam mais calmas, pois ficavam brincando entre si, mas os meninos sempre davam mais trabalho, pois se mostravam mais agitados; como o lugar era pequeno a professora alegava que não havia muitas opções de organização.

O modo de organizar as carteiras carrega consigo significados que vão além do simples método de administração da sala de aula; a “[...] simetria e a separação arquitetônica das salas reflete as tradições de uma sociologia e de uma pedagogia sexista, [...] seus signos indiciários deixam, em seu contato, traços que guiam a cultura e a conduta” (ESCOLANO, 1998, p. 39), ou seja, o retrato da sala de aula mostra que tipo de conduta e posturas deve ser ensinado para o aluno no que se diz respeito à convivência com o outro, de acordo com o padrão ordenado por cada sociedade, delimitando os espaços de meninos e meninas na sala de aula, educando e guiando em normas de condutas, que os mesmos devem seguir. Nesse ponto de vista Louro (2008, p. 22) afirma que:

A norma não emana de um único lugar, não é enunciada por um soberano, mas, em vez disso, está em toda parte. Expressa-se por meio de recomendações repetidas e observadas cotidianamente, que servem de referência a todos. Daí por que a norma se faz penetrante, daí por que ela é capaz de se naturalizar.

Essa forma de ensinar, que escolhe com quem os alunos devem se sentar, e como os mesmos devem se relacionar com o outro, acabam explícita ou implicitamente fazendo com que as diferenças sejam aprendidas desde a infância e assim absorvidas como parte do pensamento social de cada um, como por exemplo: as meninas devem sentar e conversar somente com meninas, e meninos só podem brincar com os meninos; com isso, observou-se que os alunos e as alunas não têm liberdade de escolher seu espaço na sala, já que esse espaço é ditado pela professora, fazendo com que a criança aprenda essa organização e não consiga ter contato com formas de conviver diferentes das que foram ditadas na escola.

Durante a pesquisa, foi possível perceber que as crianças, principalmente as meninas, ficam extremamente incomodadas quando um menino se aproxima ou até mesmo senta na mesa com elas, o que mostra como a diferença não é natural, e sim naturalizada e ensinada, pois são criadas por meio de processos discursivos e culturais (LOURO, 2008), visto que as crianças aprendem desde pequenas através de discursos e práticas, a diferenciação que ocorre na sociedade, o que muitas vezes contribui para a formação do preconceito, fazendo com que elas sintam-se receosas em relação ao contato com o colega do gênero oposto, bem como, outras diferenças.

2.3 A professora e a turma

A observação foi feita em numa turma de Pré-I de Educação Infantil, no turno da manhã, turma regida pela professora Cláudia licenciada plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará - UFPA, que carrega em seu currículo 10 anos de docência na Educação Infantil. Quando perguntei de que maneira são organizadas suas atividades pedagógicas ela respondeu que:

a organização é feita através de pesquisas de atividades de acordo com o currículo e avaliado na hora atividade. (professora de educação infantil, diário de campo)

A turma observada é composta por 23 alunos, 10 meninas e 13 meninos na faixa etária de 04 a 05 anos, as crianças são organizadas em suas mesas, meninos de um lado e meninas de outro, como foi dito no tópico anterior; a rotina começa com a acolhida dos alunos, e nesse momento, os que já estão em sala, procuram algo para se entreter: alguns pegam livros, e outros brincam livremente no espaço pequeno; depois que todos estão em sala, a professora começa organizando-os em suas devidas carteiras e posteriormente, entregando-lhe as atividades que a mesma traz de casa; geralmente são de duas a três atividades por dia, realizadas consecutivamente. Essa é a rotina do primeiro horário, já que, quando os alunos terminam as atividades a professora já os preparam para o momento do lanche, que é meia hora mais cedo do que com os alunos maiores do Ensino Fundamental. Quando as crianças terminam de lanche a professora aguarda os alunos maiores retornarem para suas salas para assim levá-las ao banheiro e ao bebedouro de água. No segundo momento, se as crianças não tiverem mais atividades impressas para realizar, a professora distribui massinha para entretê-los a cerca de 1h antes do horário da saída, ou então coloca uns filmes de animação ou coletâneas de músicas infantis para que os alunos possam assistir.

A turma é tranquila, participa de bom grado de todas as atividades propostas pela professora Cláudia, porém, há alunos que não acompanham o ritmo de aprendizagem dos demais, levando em consideração que os alunos que cada criança é diferente, e com isso o terão ritmos também diferentes de aprendizado. Alguns por não terem o incentivo da família, ou até morarem em lares conflituosos, já que a escola está localizada em um bairro periférico e perigoso da cidade, e atende crianças com os mais variáveis problemas familiares.

Durante a pesquisa havia um aluno que passava por uma situação complicada em casa para uma criança tão pequena; seus pais tinham brigas horríveis todos os dias, muitas vezes envolvendo agressões físicas, quase todas presenciadas pela criança, até chegar ao ponto da mãe sair de casa e abandonar os filhos; com essa situação o aluno ficou disperso nas

aulas, e sem ânimo nas atividades; outro aluno tem autismo e era acompanhado pela sua professora cuidadora de maneira diferenciada, sendo vigiado em todo momento para que não fugisse da sala ou se envolvesse em alguma briguinha com os colegas, e havia uma aluna com a suspeita de ter alguma necessidade especial, pois não se concentrava nas atividades, não socializava com outros alunos, entre outras características, a professora pediu para que os pais recorressem a um especialista, mas até o momento nada havia sido feito.

Os responsáveis pelos alunos moram nos bairros vizinhos à escola, a professora tem em sua lista de contatos o número de telefone de todos os responsáveis de seus alunos, para que possa entrar em contato com os mesmos, caso aconteça algo fora da rotina.

Como foi dito anteriormente a professora Cláudia é formada pela Universidade Federal do Pará - UFPA e tem em seu currículo 10 anos de docência, se mostrando bastante afetuosa com os alunos, porém, percebeu-se que a mesma não está atenta à dimensão social e cultural dos alunos com quem ela convive todos os dias; notou-se que em sua prática há um grande distanciamento entre os aspectos técnicos, sociais e culturais da Pedagogia, haja vista que a mesma não está atenta para essas questões presentes em sala de aula.

A professora regente respondeu a um questionário, posto que não se sentiu confortável em responder às perguntas através de uma entrevista gravada, relacionadas ao tema desta pesquisa, Sexualidade e Gênero, pessoalmente. Analisando as respostas é possível perceber que a entrevistada não foi objetiva e segura em suas palavras; uma das perguntas feitas à professora foi se a mesma percebia as diferenças de comportamentos entre meninas e meninos na sala de aula, ela respondeu:

- Sim, não pela questão de sexo, mas pela individualidade presente em cada aluno e nível de aprendizado. (professora de Educação Infantil, diário de campo)

No relato acima a professora em questão, fala que os diferentes comportamentos observados em sala de aula não estão ligados ao gênero das crianças e sim são determinados através de suas individualidades e nível de aprendizado. Porém, durante a pesquisa de campo foi observado minuciosamente como questões de gênero (menina e menino) estão ligadas aos comportamentos das crianças, como por exemplo, a maneira de brincar, de se relacionarem um com o outro. Na turma, em todos os momentos percebe as meninas brincando de maquiagem, ou casinha, conversando entre si a respeito de bonecas; nas atividades a maioria das meninas sempre faz confusão para usar o giz de cera cor de rosa para pintar. Já os meninos se sentiam ofendidos quando lhes era apresentada a cor rosa como alternativa para a pintura de seus trabalhos. Situações como esta mostram que muitas vezes os professores não estão atentos para questões marcadas pelo gênero em seu dia a dia. Segundo

Meireles (2012, p. 340) “a identidade de gênero aparece aqui como uma das primeiras noções adquiridas pelas crianças, o que desde a mais tenra idade vai lhe fixando em determinados lugares e depositando certas expectativas a respeito de seus modos de agir”. O que mostra que questões de gênero estão associadas aos comportamentos das crianças, já que a estas são ensinadas desde seu nascimento a maneira de agir de acordo com seu gênero.

Quando perguntei à professora se a mesma participou de alguma formação relacionada com o tema sexualidade infantil, e quantas, ela respondeu de maneira objetiva:

- sim, várias. fornecidas pela semec e a própria instituição. (professora de Educação Infantil, diário de campo)

Através do questionário obtive-se somente uma resposta a respeito das formações que a professora teve a respeito da sexualidade infantil, já que ela não respondeu exatamente quantas formações ela participou.

Foi perguntado também à professora se em sala de aula as crianças fazem perguntas sobre sexualidade para ela, e como ela reage face a tais perguntas. A resposta da professora foi a seguinte:

- não, eles ainda não buscam ou mesmo sabem algo a este nível, e se perguntarem na certeza de esclarecer buscaremos responder. (professora de Educação Infantil, diário de campo)

Na fala acima a professora afirma que seus alunos de 04 e 05 anos não perguntam, ou seja, não sentem curiosidade e não sabem nada ligado a sexualidade. Freud (1996) declara que a curiosidade da criança sobre o seu corpo se inicia na fase fálica do desenvolvimento psicosssexual, na idade de 04 à 06 anos, portanto é nessa idade que surgem as perguntas a respeito de sexualidade, já que as crianças encontram as diferenças entre seu corpo e do outro, bem como surgem as perguntas de como nascem os bebês, entre outras. Segundo Felipe (2012a, p. 48), “esse fenômeno da descoberta acontece por volta dos dois anos, quando elas começam a descobrir muitas coisas e a explorar mais intensamente seus corpos e também os corpos dos/as colegas ou de adultos”.

Estes argumentos mostram como as crianças nessa faixa etária têm curiosidade ou até mesmo ingenuamente sabem alguma coisa relacionada a sexualidade, porém, situações que envolvem a sexualidade na infância ainda são tomadas pelos adultos como algo perverso e fora do comum, o que faz com que essas manifestações de sexualidade sejam reprimidas. Em relação a estes questionamentos na escola, Felipe (2001, p. 62) contribui dizendo que “a escola segue fingindo que tais assuntos, não lhe dizem respeito, preferindo silenciar na certeza

de que, desta forma, esses temas passarão despercebidos aos olhos infantis”, o que acaba privando a criança de um saber necessário até mesmo para sua própria proteção.

Através do questionário, foi perguntado se a professora presenciou alguma situação em que um aluno ou aluna teve um comportamento fora do comum, e quais foram as reações da escola e da família. A isto, a professora respondeu que:

- No cotidiano escolar é comum, pois muitos são os meios externos que levam a certas ações que são fora do comum, expor essa situação á equipe gestora é o primeiro passo, em seguida, escola aciona a família e juntas buscamos resolver toda a situação. (professora de Educação Infantil, diário de campo)

Na resposta da professora, observei que a mesma identifica como “comuns” comportamentos e situações além do habitual no cotidiano da escola, e relata que a primeira estratégia a ser tomada para resolver a situação é expor o acontecido para equipe gestora, onde a mesma aciona a família para que possam resolver a situação em conjunto. Casos fora do comum que envolvem meninas e meninos estão presentes nas salas de aula, em especial nas salas de Educação Infantil, com veremos no próximo capítulo, o importante é que os educadores estejam preparados para este tipo de situação, que precisam ser tratadas com naturalidade, e tranquilidade, sendo sempre resolvidas como uma boa conversa. Faz-se necessário que assuntos como esses estejam envolvidos no planejamento e no dia a dia da escola e não apenas sejam colocados em pauta a quando das “emergências” ou para “apagar incêndios” (FELIPE, 2012a), uma vez que, querendo ou não, são acontecimentos considerados comuns, levando em consideração a faixa etária dos alunos, e o fato de que em sua maioria essas ações são impulsionadas pela curiosidade e muitas vezes pelas descobertas que as crianças fazem em seu próprio corpo.

Geralmente quando a escola se depara com esse tipo de ocorrência acaba tomando atitudes equivocadas, muitas vezes sem pensar, seja pela surpresa do acontecido ou por não ter e não promover formação necessária para casos envolvendo gênero e sexualidade infantil. Esses casos devem ser analisados com calma e clareza. Em linhas gerais, chamar a família não é uma boa escolha, pois as mesmas nem sempre tem o entendimento necessário pra lidar com esse tipo de assunto, por não ter recebido esse tipo de formação e consequentemente não agir da maneira correta com a criança; segundo Felipe (2012a, p. 51-52):

[...] o corpo docente não se sente capaz de conduzir determinadas situações em sala de aula, principalmente quando se trata de sexualidade. Em muitos casos, é totalmente desnecessário chamar a família, pois esta pode ter uma reação bastante agressiva em relação a criança, surrando-a, [...]. Antes de tomar qualquer atitude precipitada, é necessário avaliar bem a situação, ponderando até que ponto a família terá condições de reagir de forma tranquila às questões que serão colocadas.

Com a análise do questionário foi possível observar que a professora tem várias formações ligadas ao tema sexualidade e gênero, porém, não é possível observar a utilização desse conhecimento em suas práticas, já que a turma e a sala de aula com a qual a mesma tem contato todos os dias está carregada de questões vinculadas a sexualidade, seja nas divisões das mesas entre meninos e meninas, seja nas escolhas dos brinquedos, nas relações com o outro, nos discursos muitas vezes até ditos pela própria professora. Nesse sentido, percebe-se que a professora não está atenta as situações corriqueiras ligadas ao corpo e a sexualidade presentes na Educação Infantil.

3 DISCURSOS E PRÁTICAS MARCADAS POR GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O dia a dia da sala de Educação Infantil é marcado por acontecimentos que envolvem questões de gênero e sexualidade, porém muitas vezes passam despercebidas no espaço infantil. Como foi dito anteriormente, a criança é vista pelo adulto com um ser assexuado, e quando há situações que envolvem o assunto, rapidamente são reprimidas e tidas como coisas perversas ou falta de educação. Para a maioria das pessoas quando se fala em gênero e sexualidade na Educação Infantil, elas recebem o assunto, de imediato, com certo estranhamento ou até repulsa, tal reação acontece, pois, para alguns, por falta de conhecimento, o tema é visto como algo inapropriado para os pequenos. Por essa razão, se faz necessário esclarecer o conceito de sexualidade e gênero, pois se percebe que é algo que ainda causa confusão quando se trata de tais discussões. A sexualidade faz parte da vida do sujeito, é um processo que acontece desde seu nascimento, que envolve as descobertas a respeito do corpo, suas relações afetivas e sua cultura. Segundo Louro (2000), “a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política. [...] a sexualidade é "aprendida", ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos”. Logo, não pode ser vista como algo que deve ser extinta da vida da criança, pelo contrário, deve ser compreendida e estimulada. Sobre gênero, Scott (1995) afirma que o termo é utilizado para caracterizar as relações sociais entre os sexos, tal uso desconsidera as explicações biológicas para determinar papéis corretos de acordo com o sexo do indivíduo, pois “Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e

mulheres. “Gênero” é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado”. (SCOTT, 1995, p. 75)

Visto isso, nos tópicos a seguir, serão apresentados casos observados na pesquisa de campo, que mostram como essas situações que abarcam tais assuntos são comuns na Educação Infantil.

3.1 Atividades, Brinquedos e Brincadeiras: Constituindo Relações de Gênero

Na sala de aula observada houve inúmeros casos marcados por questões de gênero e sexualidade que ocorreram na dinâmica das atividades e brincadeiras, tanto nas orientadas pela professora quanto nas criadas pelos próprios alunos. Um dos casos que chamou atenção foi uma brincadeira trazida pela professora, a brincadeira é chamada de Balão Mágico, as crianças compram um balão e dentro dele há um papelzinho, e ao estourá-lo a criança pega o papelzinho e descobre qual brinde ganhou, essa brincadeira acontece todos os dias logo no início da aula; entre os brindes há brinquedos femininos e masculinos (ioiôs, bonequinhas, dentaduras, prendedores de cabelo, línguas de sogra, figurinhas de tatuagens, etc); os brindes preferidos são as figurinhas de tatuagem, que são escolhidos pela professora: as de princesas para meninas e as de dinossauros para os meninos. Se um menino compra um balão e ganha uma boneca, o brinde é trocado imediatamente por um brinquedo “adequado” para menino, ou a professora pergunta o que o aluno deseja ganhar, que pode ser qualquer coisa menos a boneca. Um dia em especial uma aluna ganhou um ioiô, a professora pediu para eu entregar o brinde, ao pegar o brinquedo escolhi um ioiô azul e branco, quando a professora percebeu que o ioiô era azul ela pediu para trocar por um na cor rosa e branco que ela havia separado caso uma menina ganhasse.

A brincadeira acima tem como objetivo central arrecadar fundos para a melhoria da escola, porém, a delimitação dos brinquedos ditos como “certos” ou “errados” para meninos e meninas, bem como, as cores certas para cada gênero, mostram como as relações de gênero e sexualidade não somente estão presentes na Educação Infantil e também são afirmadas por ela.

Como por exemplo, as figurinhas de tatuagens trazidas pela professora já vêm definidas: meninos ganham tatuagens de dinossauro e meninas ganham de princesa. Em nenhum momento se vê a professora perguntar ao aluno que figurinha ele gostaria de ganhar; o mesmo acontece com os demais brinquedos, sendo a professora que sempre escolhe que cor é adequada para cada gênero.

Esse fato sempre causou curiosidade por saber as razões que levam a professora a não permitir que os alunos escolham os brinquedos que vão ganhar, ou as cores. Destaca-se que para algumas crianças essa questão não faz tanta diferença. Esses padrões são ensinados desde a mais tenra idade para as crianças, sendo resquícios de uma sociedade que vigia a sexualidade infantil, ensinando formas de ser menino e de ser menina através de padrões construídos historicamente, muitas vezes de maneira preconceituosa por uma sociedade “machista, sexista, homofóbica e misógina” (FURLANI, 2012, p.298).

Há ainda uma inquietação nos adultos quando se deparam com situações em que suas o crianças se aproximam de características consideradas do sexo oposto. O que incomoda os adultos “[...] é a relação automática entre os brinquedos infantis e a formação da identidade sexual da criança. Mais precisamente, a crença de que o brinquedo explicita e constrói a orientação sexual da criança” (FURLANI, 2012, p. 300).

Segundo a autora, essa forma de pensar dificulta o acesso ao conhecimento e ao desenvolvimento das habilidades que o brinquedo disponibiliza, tais como a coordenação motora, desenvoltura em atividades específicas, experiências para o exercício de funções futuras, etc. (FURLANI, 2012). Observei ainda que a professora Cláudia é responsável pela vigilância da identidade sexual de seus alunos na turma observada, na medida em que ela direciona as brincadeiras, os discursos, os brinquedos, a espacialização, os prêmios, guiando e reforçando o gênero de meninos e meninas.

Em uma atividade a professora de educação física apresentou para os alunos uma folha de papel A4 onde foram desenhados vários quadrados; nessa dinâmica os alunos(as) tinham que pintar cada quadrado de uma cor diferente; auxiliei os alunos em suas carteiras oferecendo uma cor diferente de giz de cera, então, um aluno chamou e pediu um giz de cera diferente do que ele estava usando; foi dado para ele um giz de cera cor de rosa, ele relutou e não quis; foi-lhe perguntado o porquê, e ele respondeu: - “não quero; rosa é cor de menina”.

No caso acima, o aluno se negou a pintar com o giz de cera cor de rosa, pois aprendeu em algum lugar ou com alguém que a cor rosa é cor de menina, por isso, não deve ser usada por meninos; através desses discursos é ensinado para as crianças regras a respeito do que é adequado ao seu gênero e sexo, pois constantemente são repetidas como “verdades absolutas” o que não indica que essas verdades não podem ser problematizadas em sala de aula. Nesse sentido Meireles (2012, p. 344), afirma que:

[...] os múltiplos efeitos que os discursos das outras pessoas podem ter entre as crianças, tanto no sentido de estar legitimando algumas construções a respeito das maneiras de ser como sendo exclusivas de um ou de outro gênero, quanto de

flexibilizar estas fronteiras e permitir que elas sejam mais livres para fazer suas escolhas independente de pertencerem a um determinado gênero.

A escola é o espaço ideal para repensar a forma de educar, partindo do pressuposto de que essas normas não são herdadas naturalmente, e sim construídas. Sendo assim, pode haver transformações de acordo com as relações que cada sujeito estabelece em sua vida, levando em consideração que há várias maneiras de ser menino e menina (MEIRELES, 2012), o espaço escolar está repleto de oportunidades de formação identitária, que no entanto, só irão acontecer de maneira saudável se o educador abandonar a visão de que gênero é apenas a reprodução de papéis femininos e masculinos. Segundo Louro (1997, apud MEIRELES, 2012, p. 343), “pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o”.

De duas a três vezes por semana a professora organiza os alunos(as) para que possam assistir a um filme infantil, com o intuito de deixar os alunos comportados; em certo dia, a professora percebeu uma agitação entre dois alunos, uma menina e um menino, logo se levantou e ao ver o que estava acontecendo, ficou sem ação: a menina estava de saia com as pernas abertas querendo sentar no colo do menino; então, perguntou-se à professora o que havia acontecido, ela me explicou o ocorrido e ressaltou: “- é por isso que não é bom deixar as meninas virem de saia para escola!” Perguntei para menina porque ela estava fazendo aquilo, a garotinha ficou calada, envergonhada como se soubesse que estava fazendo algo errado. Logo após as crianças voltaram a assistir ao filme e o assunto não foi adiante. Mesmos que essas manifestações de sexualidade sejam algo comum na Educação Infantil, é possível perceber que a professora não soube lidar com esse tipo de ocorrência, o que faz com que os mesmos cheguem a conclusões confusas a respeito do que veem. Diante do acontecido, a educadora restringiu sua conclusão somente como sendo uma experiência sexual adulta, inapropriada para crianças, e logo procurou pelo vilão, ou culpado: a saia; o uso da saia pela menina facilitou que a criança tenha tido essa conduta tida como inapropriada; com isso a professora não conseguiu imaginar as inúmeras reflexões e interpretações que se pode ter da situação. Dessa forma, as manifestações sexuais são reprimidas, se busca o culpado e a vigilância aumenta.

Em relação a isso Louro (2000) afirma:

Redobra-se ou renova-se a vigilância sobre a sexualidade, mas essa vigilância não sufoca a curiosidade, o interesse, conseguindo apenas, limitar sua manifestação desembaraçada e sua expressão franca. As perguntas, as fantasias, as dúvidas e a experimentação do prazer são remetidas ao segredo e ao privado. Através de múltiplas estratégias de disciplinamento, aprendemos a vergonha e a culpa;

experimentamos a censura e o controle. Acreditando que as questões de sexualidade são assuntos privados, deixamos de perceber sua dimensão social e política (LOURO, 2000, apud XAVIER FILHA, 2012, p. 24).

Muitas vezes os educadores se deparam com cenas constrangedoras no cotidiano escolar, como a relatada acima. É importante lembrar que a criança não se retém somente ao convívio da escola, mas usufrui de outros espaços de educação como o meio familiar entre outras instituições sociais; dessa forma, quando ocorrem atitudes e comportamentos fora do que é esperado, acabam deixando os professores sem saber como agir. Geralmente esses comportamentos são imitações de algo ou alguma situação que já presenciou em casa, na rua ou na tv. Em relação a isso Felipe (2012a, p. 55) contribui dizendo que:

Muitas vezes as crianças moram em casas pequenas, sem privacidade alguma e elas acabam presenciando cenas sexuais de seus pais ou de outras pessoas adultas. Algumas famílias ou irmãos mais velhos costumam olhar filmes pornográficos e muitas vezes as crianças assistem a esses filmes. Portanto, se elas vêem determinadas coisas, vão querer imitar.

Casos como esse devem ser resolvidos através do diálogo, primeiramente com as crianças envolvidas, perguntando onde viram aquele tipo de cena, para que se possa saber o real motivo daquela manifestação, pois em alguns casos, atitudes onde a criança usa o corpo do outro para reproduzir atos eróticos como posições sexuais, podem significar que a mesma pode estar sofrendo algum tipo de abuso sexual fora da escola, e por mais que o assunto sexualidade infantil esteja ganhando espaço nas publicações no que diz respeito a infância, as crianças continuam distantes dessas discussões, pois algumas famílias não conseguem conversar sobre o tema e esclarecer as dúvidas.

Segundo Felipe e Prestes (2012), essas dificuldades que os pais e mães e demais adultos sentem ao discutir temas considerados delicados e complexos, pode ocasionar situações de risco para as crianças, pois assim elas se tornam vulneráveis em relação a possíveis situações de violência e abusos por parte dos adultos.

Em segundo lugar, é importante esclarecer as dúvidas do aluno no que diz respeito a sexualidade, pois em alguns casos, situações como essas se tornam oportunidades de diálogo com a turma, neste caso em especial, a educadora poderia falar sobre o corpo e como as crianças devem ter respeito e cuidado com o corpo do colega. Em relação a isso Ribeiro (2012, p. 209) afirma:

[...] ao adulto, seja educador, educadora, familiares refletir sobre seus próprios tabus e dialogar com as crianças; responder-lhes de forma clara, precisa, sem subterfúgios e ideias errôneas. À equipe da escola caberá preparar-se para “trabalhar sexualidade”. Isso significa repensar o ensinar/aprender pois o tema exige atividades que desafiem a imaginação! Exige ressignificar a educação para a sexualidade e colocá-la “nas nuvens”! significa fazer das famílias aliadas para que o “susto” inicial

frente ao tema transforme-se em possibilidades de compartilhar o compromisso com a educação das crianças – compromissos este, ético/político.

Mostra-se que as manifestações de sexualidade e relações de gênero estão presentes nas salas de educação infantil, com isso se faz necessário que os educadores(as) atualizem seus conhecimentos para que possam lidar de maneira adequada com tais situações. No tópico a seguir serão apresentadas algumas situações que ocorram fora do momento de aula.

3.1 Momentos fora da sala de aula: espaços-tempos de aprendizagem de “papéis” de gênero

Durante a pesquisa de campo as crianças da turma observada ensaiaram uma dança que seria apresentada na semana do bebê, um evento que acontece todos os anos, onde as turmas preparam apresentações de acordo com o tema escolhido para cada ano. Esse ano o tema escolhido foi “Alimentação Saudável”. Em um dos ensaios, uma aluna pediu para levá-la a um outro banheiro, pois ela já havia ido ao banheiro das meninas e o vaso sanitário estava sujo, então, a levei para o banheiro dos meninos já que não havia outro banheiro disponível na escola, a não ser os dos professores. Quando entramos no banheiro perguntei: “- você já veio antes ao banheiro dos meninos?” Ela respondeu com firmeza: “- não professora! Eu sou uma menina, vou no banheiro das meninas”. Antes que eu pudesse continuar a conversa, uma professora cuidadora entrou para dar banho em um aluno autista, ela se espantou ao me ver e perguntou: “- tu não tá no banheiro errado com essa menina?” Eu respondi: “não!” Ela insistiu: “está sim!” Logo após, expliquei a ela que a aluna havia me pedido para ir a outro banheiro, ela não respondeu mais e eu levei a aluna de volta para o ensaio.

A situação acima mostra que as crianças desde muito cedo são ensinadas pelos familiares e na escola seus devidos espaços de acordo com o gênero; quando a menina afirma que nunca havia ido ao banheiro dos meninos, por ser uma menina, ela reproduz algo que foi dito e absorve para si como uma razão considerada natural e imutável. Segundo Louro (1997, p. 61), essa reprodução se dá “por um aprendizado continuado e sutil, um ritmo, uma cadência. Uma disposição física, uma postura parece penetrar nos sujeitos, ao mesmo tempo em que estes reagem e, envolvidos por tais dispositivos e práticas, constituem suas identidades “escolarizadas”. Nesse sentido pode-se dizer que a escola conduz os movimentos das crianças dentro do espaço escolar, a fim de, aos poucos, formar identidades e determinar lugares de acordo com o sexo da criança.

Ao entrar no banheiro, a professora demonstrou seu incomodo imediatamente, por não ser comum que uma menina esteja no banheiro dos meninos, até porque esta regra se tornou “natural”; na maioria das escolas de Educação Infantil, a separação dos banheiros de meninos e meninas são normas que foram construídas social e culturalmente, e são ensinadas tanto pela escola quanto pela família, considera-se que essa separação acontece pois há um medo na visão do adulto de despertar a sexualidade da criança, pela exposição do corpo e das genitais ao colega do sexo oposto, medo esse, que nasce do pensamento que afirma que a natureza sexual deve ser reprimida (TEIXEIRA; RAPOSO, 2007).

Em relação a espaços destinados para meninos e meninas, percebi que a escola não problematiza questões que são ligadas ao gênero e a sexualidade, pelo contrário, elas continuam reafirmando padrões que foram construídos socialmente, até mesmo por não terem conhecimento a respeito do tema, o que faz com que questões citadas acima sejam vistas com uma certa confusão não somente na mente dos alunos, mas também na dos professores. Nesse tocante, Felipe e Guizzo (2004, p. 41) afirmam:

O pouco conhecimento sobre as temáticas de gênero e sexualidade apresenta-se como uns dos fatores pelos quais professores e professoras, na maioria dos casos, continuam ensinando, mesmo que “discretamente”, modos de ser e de se comportar de maneira diferenciada para meninos e para menina.

Em outro momento, a professora saiu após a hora do lanche com alguns alunos para ensaiar para a apresentação, e deixou o restante da turma comigo; usei o tempo com as crianças para passar uma atividade; pedi para cada aluno desenhar o que mais gostava de brincar, um menino desenhou flores, uma menina desenhou uma boneca, um menino desenhou um carro, entre outros balanço e pula-pula.

Notei que na atividade descrita há escolhas que foram influenciadas pelo “discurso do de gênero”, como a aluna que escolheu a boneca como brinquedo favorito e o menino que escolheu o carro, porém, não foi assim como todos; houve um aluno que prefere brincar com flores, e ao falar sobre sua preferência não esboçou nenhuma timidez nem constrangimento, mesmo que um garoto gostar de flores seja socialmente visto como algo inapropriado; porém, o garoto não tem o conhecimento do que seria determinado como o “certo” para ele brincar (já que se trata de uma criança do sexo masculino); observei que mesmo com a vigilância da escola e da família a respeito da identidade dos pequenos, há crianças se constituindo na contramão desse direcionamento dos corpos e, por essa razão não cabe determinar a identidade de um sujeito tão pequeno, já que nessa idade ainda estão em fase de construção, e

não se trata de algo pronto e acabado, as mesmas vão se afirmando de acordo com a subjetividade e experiência social de cada um.

3.3 Discursos e práticas escolares sobre gênero e sexualidade

O cotidiano da sala observada está cercado de discussões e práticas que comprovam como a escola vai moldando a sexualidade da criança desde os primeiros anos de vida. Em um dos primeiros dias da pesquisa de campo, uma menina trouxe uma boneca de casa para brincar com seus amigos, no momento em que ela estava brincando um aluno puxou a boneca da mão dela; nesse instante os outros alunos chamaram a professora, e falaram que o garoto estava brincando de boneca; a professora tomou o brinquedo imediatamente da mão do aluno e disse:” - menino não brinca de boneca criatura!”.

Na situação acima, observou-se claramente como a professora orienta os alunos nas escolhas dos brinquedos de acordo com o gênero, com foco na vigilância especialmente dos meninos; no momento em que a professora chamou a atenção do garoto e tomou a boneca, pude perceber que não havia qualquer outro motivo para que a criança não brincasse com o brinquedo, o que determinou que o objeto era “errado”, foi a crença que “menino não brinca de boneca”, pois depois da fala da professora não houve nenhuma explicação para a criança sobre o porque não podia brincar com brinquedo.

Segundo Silva (2004, apud CARDOSO; NASCIMENTO, 2017), espera-se que a criança escolha seus brinquedos “naturalmente” e se dirija de acordo com o sexo; se não acontece, o(a) professor(a) orienta os(as) crianças na seleção de brinquedos “apropriados” para cada gênero. Visto isso, a preocupação dos adultos no momento da brincadeira, especificamente na escolha do brinquedo mostra a busca incessante pela “normalização” do gênero, especificamente quando se trata dos meninos, onde pretende-se guiar suas condutas para que todo comportamento que saia do padrão estipulado ou se aproxime do sexo oposto seja corrigido de imediato. Segundo Cardoso e Nascimento (2017, p. 253), “[...] os garotos e suas masculinidades infantis são severamente vigiados, para que estas sejam garantia das masculinidades adultas. O mesmo investimento não ocorre em relação às garotas”.

Em um momento de descontração na sala de aula, a professora Cláudia observou um aluno e achou que estivesse chorando, então perguntou: “- Rodrigo? você está chorando?” Ele responde: “- não professora! Homem não chora!” E ela concordou: “- é verdade Rodrigo homem não chora!”

As crianças trazem de casa valores e pensamentos construídos socialmente que justificam suas condutas, como é possível perceber no caso acima; a professora concorda com o aluno na afirmativa de que “homem não chora”; esse tipo de atitude reforça preconceitos e a crença de que homens e mulheres tem comportamentos diferenciados de acordo com seu gênero, e que esses comportamentos são herdados naturalmente, e não podem ser mudados. Em relação a essa diferenciação por sexo, Belotti (1975, apud FINCO, 2003, p. 96) afirma que

[...] podemos descobrir sua gênese em pequenos gestos cotidianos tão corriqueiros que chegam a passar-nos despercebido; em reações automáticas, cujas origens e objetivos nos escapam, e que repetimos sem ter consciência do seu significado, porque os interiorizamos no processo educacional; são preconceitos que não resistem a razão nem aos novos tempos, mas que continuamos considerando como verdades intocáveis, nos costumes e nas regras inflexíveis.

Com isso constatei que tais preconceitos se tornam tão comuns no dia a dia da Educação Infantil, que passam despercebidos nas relações sociais, e chegam na sala de aula de maneira sutil, fazendo com que os sujeitos escolares continuem sendo reproduzidos e produzidos engendrados. Na maioria das vezes em que meninos choram na sala de aula, as situações se tornam constrangedoras para a criança, por acreditarem que homem não deve chorar, geralmente sendo ensinado por algum adulto próximo; resulta disso que a criança reprime seus sentimentos, por medo de que as outras pessoas o achem “afeminado”.

Essa diferenciação por gênero foi presenciada através de vários discussos e situações observadas na pesquisa de campo, como em outro momento, quando um aluno autista chegou na sala de aula indo de cadeira em cadeira beijando no rosto de todos os seus coleguinhas; ao ter beijado todas as meninas, o aluno foi para as mesas dos meninos, e ao beijar o primeiro menino, a turma toda o denunciou dizendo: “- Tia! Tia! o João beijou o Marcos”. E a professora respondeu: “- na boca? Na boca não pode, você não pode beijar na boca de seus coleguinhas”. E o garotinho rapidamente se afastou.

As crianças constroem suas maneiras de ser menino e menina no momento da brincadeira, e com isso, descobrem nela maneiras de demonstrar seu afeto; naquele momento, os beijos que João “espalhava” pela sala, nada mais eram do que uma manifestação de carinho sem nenhuma malícia por parte do menino; crianças nessa idade não reproduzem práticas sexistas como as presentes no mundo adulto; as crianças aprendem esta ordem no decorrer de sua vida, e de sua permanência na escola (FINCO, 2003). A manifestação das outras crianças, neste caso, são frutos de suas relações com adultos, que através de outras instituições sociais como, a família, a igreja entre outras, ensinam normas de comportamento, que os afastam de tudo que os aproxime da homossexualidade, com isso as fazem ficar em estado de alerta

contra tudo que possa parecer fora do padrão, do que foi constituído pela cultura preconceituosa produzida e reproduzida pelo adulto.

Na sala de aula observada havia um menino com os cabelos compridos, em um momento de descontração perguntei a ele se seus coleguinhas falavam do seu cabelo, ele respondeu: “- sim! me chamam de menina, dizem que eu me pareço uma menina.” Perguntei o que ele achava disso, ele respondeu: “- não ligo, eu sei que eu não sou menina, sou menino!”

O corte de cabelo sempre foi uma característica mais marcante que diferencia homens e mulheres; os cabelos tanto para meninos como para meninas, expressam a diferença, pretendendo assim evidenciar uma identificação incontestável (RIBEIRO; ALEXANDRE, 2017); desta forma as crianças do sexo masculino, desde muito pequenas são acostumadas a manter o corte “militar”. Segundo Ribeiro e Alexandre (2017), os cabelos identificam os gêneros, tal definição funciona como um marcador visual, já que sempre houve uma aparência diferenciada para homens e mulheres, hoje em dia os homens conservam seus cabelos curtos, apesar de toda tendência metrossexual. Entretanto, os mais antigos afirmam que cabelos cumpridos não são para homens.

Porém, no diálogo acima, um menino com os cabelos compridos causa estranheza na sala de aula, e ao falar como é tratado por manter o cabelo comprido, relata o fato de que chamarem-no de menina, não o incomoda, pois ele tem a certeza de que o corte de cabelo não afeta sua identidade, por mais que a sociedade afirme um modo “certo” de ser menino ou menina, o universo infantil vai se constituindo em algumas vezes no sentido contrário, do que é imposto, no decorrer de suas relações socioculturais elas vão construindo suas próprias maneiras de ser menino e menina. Com isso pode-se entender que o discurso pode ter vários efeitos na construção da identidade da criança, podendo legitimar certas regras estabelecidas pela cultura dos adultos, como também permitir novos horizontes de descobertas no que diz respeito a vários modos de ser independente do gênero. Atualmente as possibilidades de vivenciar os gêneros e as sexualidades se multiplicaram, as certezas acabaram, o modo de lidar com tais, mudanças da contemporaneidade não as negar e viver (LOURO, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho pode-se analisar de perto como as questões ligadas a sexualidade adentram o espaço da Educação Infantil, nota-se de maneira evidente como a escola influencia na formação sexual da criança, desde a divisão das mesas entre meninos e meninas e na maneira que professores orientam os comportamentos das crianças de acordo com o gênero, deixando clara essa divisão no espaço escolar, gestos simples, mas eficazes na produção de das desigualdades de gênero.

Com isso, mostra-se com é imprescindível que tais assuntos sejam levados em consideração nas práticas pedagógicas na infância, visto que, a criança não chega à escola vazia, trazem consigo normas culturais que são ensinadas pelos adultos que incorporam em sua vida com algo indiscutível, outras sentem curiosidade sobre o que lhes é ensinado e questionam, e outras somente constroem sua personalidade na contra mão do que é imposto pelas instâncias sociais atraindo olhares preconceituosos de outras pessoas.

Pode-se perceber também como a professora Cláudia, apesar de suas formações a respeito do tema, não está totalmente qualificada para lidar com as manifestações de sexualidade em sua sala de aula, visto que a mesma através de discursos, práticas e brincadeiras conduz os seus alunos a se comportar de acordo com a norma do gênero, observa-se também que a escola não tem nenhum projeto ligado ao tema gênero e sexualidade em seu currículo, tais temas são tratados como inexistentes no ambiente escolar, causando um certo desconforto quando se fala no assunto.

A sala de aula é o ambiente perfeito para que tais questões sejam problematizadas, já que ela não está neutra a tal discussão. Uma vez que participa de forma quase imperceptível nas construções de identidade de gênero muitas vezes de maneira desproporcional, tal construção se inicia nas primeiras relações da criança no espaço da Educação Infantil (FINCO, 2003). Portanto, da mesma maneira que a escola reforça padrões, preconceitos e normas vistas como “normais”, ela pode ser um ambiente de diálogo, reflexão e desconstrução de “verdades” enraizadas na sociedade, que estão tão presentes no dia a dia das creches e pré-escolas. Problematicar essas questões faz com que as crianças tenham a certeza de que podem ser o que quiserem, independentemente de seu gênero e cresçam como adultos mais seguros e menos preconceituosos.

Em relação ao constrangimento frente a discussão dessas questões, Ribeiro (2012) afirma que tal incômodo é equivalente ao desconhecimento do tema, é preciso se incluir

intencional e sistematicamente o gênero e sexualidade nos currículos e criar formas diferentes de abordá-las, pois tais assuntos não podem ser menosprezados ao comodismo das respostas certas e erradas, em especial na Educação Infantil.

É necessário que a escola tome pra si uma parte da responsabilidade, já que em geral a sexualidade é vista pela família como algo inapropriado para criança, por não saberem o real significado da palavra, por esta razão é interessante estabelecer uma parceria entre a escola e família. Ideal seria que todos os conteúdos curriculares, projetos de ensino-aprendizagem, pensados e vividos no âmbito do planejamento de ensino, fossem livremente dialogados para que assim pudessem fortalecer os laços ente família escola (XAVIER FILHA, 2012). Há diversas formas de se trabalhar gênero e sexualidade na Educação Infantil, é preciso que a escola se aproprie e construa práticas, com tranquilidade e sem preconceitos, tendo consciência que tais assuntos são necessários na formação da criança.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria das Graças Souza. Organização Do Espaço E Do Tempo Na Educação Infantil. In: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. Da Silva (Orgs). **Educação Infantil: Pra Que Te Quero?**. Porto Alegre, MS; ed. Artmed, 2001.
- CARDOSO, Livia de Rezende Cardoso; NASCIMENTO, Daniela Lima do, Você brinca de boneca, mas é menino: sujeitos, gêneros e sexualidades em brincadeiras infantis. **Educação**. Porto Alegre, v.4, nº 2, p. 250-262, maio/agosto, 2017.
- FELIPE, Jane. Relações de Gênero: construindo feminilidades e masculinidades na infância. In: FILHA, Constantina Xavier (org.) **Sexualidades, Gênero e Diferenças na Educação das Infâncias**. Campo Grande, MS; ed. UFMS, 2012.
- FELIPE, Jane. Sexualidade na infância: dilemas da formação docente. In: FILHA, Constantina Xavier (org.) **Sexualidades, Gênero e Diferenças na Educação das Infâncias**. Campo Grande, MS; ed. UFMS, 2012a.
- FELIPE, Jane. Sexualidade, Gênero e Novas Configurações Familiares; algumas implicações para educação infantil. In: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. Da Silva (Orgs). **Educação Infantil: Pra Que Te Quero?**. Porto Alegre, MS; ed. Artmed, 2001.
- FELIPE, Jane; Guizzo, Bianca Salazar. Entre batons, esmaltes e fantasias. In: MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues (Orgs.) **Corpo, Gênero E Sexualidade**. Porto Alegre, Rs; Ed. Mediação, 2004.
- FELIPE, Jane; PRESTES, Liliane Madruga. Erotização dos Corpos Infantis, Pedofilia e Pedofilização Na Contemporaneidade. In: **ANPED SUL** Seminário De Pesquisa Em Educação Da Região Sul, nº 6, 2012, Anais, Caxias do Sul, RS, UCS, 2012. Disponível em: https://www.ucs.br/ucs/tplAnped2011/eventos/anped_sul_2012/anais/
- FILHA, Constantina Xavier (Org.) **Sexualidades, Gênero E Diferenças na Educação Das Infâncias**. Campo Grande, MS; ed. UFMS, 2012.
- FINCO, Daniela. Relações de Gênero nas Brincadeiras de Meninos e Meninas na Educação Infantil. **Pro-posições**, v.14, n.3 (42), setembro/dezembro, 2003.
- FRAGO, Antonio Viñao; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura com programa**. Rio de Janeiro, Brasil; DPEA, 1998.
- FREUD, Sigmund. **Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FURLANI, Jimena. Brinquedos Infantis e o Respeito aos Animais Domésticos- Estratégias a uma Educação Sexual Infantil Voltada a Equidade de Gênero. In: FILHA, Constantina Xavier (Org.) **Sexualidades, Gênero e Diferenças na Educação das Infâncias**. Campo Grande, MS; ed. UFMS, 2012.

KRAMER, Sonia; NUNES, Maria Fernanda R.; CORSINO, Patrícia. Infância e crianças de 6 anos: desafios das transições na educação infantil e no ensino fundamental. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.37, n.1, 220p. 69-85, jan./abr. 2011.

Lei n o 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – Planalto. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso 10 de fevereiro de 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis-RJ, ed. Vozes,1997.

_____. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2(56), p. 17-23, maio/ago. 2008.

_____. **O corpo educado**. Pedagogias das sexualidades. Belo Horizonte- MG, ed. Autêntica, 2000.

MARTINI, Carolina Aparecida. **Sexualidade na educação infantil**: uma reflexão sobre a prática pedagógica em escolas públicas e privadas na cidade de Cambé - PR. 2009. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia), Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2009.

MEIRELES, Gabriela Silveira. O Que Dizem As Crianças Sobre Meninos e Meninas?: anunciando o jogo das construções, desconstruções e reconstruções das dicotomias de gênero na educação infantil. In: FILHA, Constantina Xavier (Org.) **Sexualidades, Gênero e Diferenças na Educação das Infâncias**. Campo Grande, MS; ed. UFMS, 2012.

NUNES, C. A. **A Educação Sexual da Criança**. 2 ed. Campinas, S.P. Autores Associados, 2006.

RIBEIRO, Cláudia Maria. Pedagogizando Prazeres de Crianças Pequenas Ou ... Educando para as Sexualidades...!? . In: FILHA, Constantina Xavier (Org.) **Sexualidades, Gênero e Diferenças na Educação das Infâncias**. Campo Grande, MS; ed. UFMS, 2012.

RIBEIRO, Joyce Otânia Seixas; ALEXANDRE, Joneide Pinheiro. **O Brinquedo de Miriti e a Representação Cultural dos Corpos Femininos e Masculinos**: Tópicos Para O Currículo. In: **Forum Internacional de Estudantes de Pedagogia**, N°4, 2017, Anais, Abaetetuba, PA, UFPA, 2017. Disponível em: <https://www.xfiped.com.br/publicacoes/anais>

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto alegre, v.20, nº2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

TEIXEIRA, Adla Betsaida Martins; RAPOSO, Ana Elvira Steinbach Silva. **Banheiros Escolares**: Promotores de Diferenças De Gênero. In. **Reunião Anual da Anped**, nº 30, 2007. Disponível em: <http://www.anped.org.br/biblioteca/item/banheiros-escolares-promotores-de-diferencas-de-genero>